

Palmeira, de quem? Formação e emancipação de Palmeira dos Índios-AL

José Adelson Lopes Peixoto

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco; Professor do Curso de História e Coordenador do Grupo de Pesquisa de História Indígena de Alagoas – GPHI-AL/UNEAL
adelsonlopes@uneal.edu.br

Francisca Maria Neta

Mestranda em História pela Universidade Católica de Pernambuco; Professora do Curso de História e Coordenadora do Grupo de Estudos do Patrimônio, Imagem e Memória – GEPIM/UNEAL
francisca.neta@uneal.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta a formação territorial de Palmeira dos Índios e o seu processo de emancipação do município de Anadia, situados no agreste alagoano. O objetivo do trabalho é identificar as disputas entre índios e não-índios pela posse da terra, assim como, a tentativa de invisibilizar e silenciar a cultura indígena no município de Palmeira dos Índios. O estudo baseia-se na literatura de estudiosos como ANTUNES (1665, 1973), BARROS (1969), ROCHA (1978), MARTINS (1994), PEIXOTO (2015), TORRES (1973, 1974), entre outros e em documentos cartoriais e paroquiais, laudos e relatórios antropológicos. Usou-se também de pesquisa de campo a partir de entrevistas e visitas em aldeias indígenas. Essa análise propõe uma reflexão sobre a formação social, política, econômica e cultural de Palmeira dos Índios, identificando como as disputas pelo poder tentaram colocar o índio na invisibilidade, ao silenciamento e até ao esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas, Invisibilidade, Silenciamento.

Introdução: Formação de Palmeira dos Índios

A cidade de Palmeira dos Índios foi fundada em terras que pertenciam a Sesmaria de Burgos, doada em 23/12/1661¹, ao desembargador Cristovam de Burgos e outros. (TORRES, 1973, p.37). Em 26/07/1712, parte das terras dessa sesmaria foi vendida ao português Manuel da Cruz Vilela que tomou posse no ano seguinte. O sesmeiro foi assassinado em 1729 e a viúva Maria Pereira Gonçalves e os demais herdeiros fizeram a doação, em 1773, de meia légua de terras a frei Domingos de São José, com a condição de que o frei erguesse uma

¹ A doação se deu através de Alvará de Doação e Sesmaria emitido pelo governador Afonso Furtado de Castro de Rio de Mendonça.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

capela ao Senhor Bom Jesus da Boa Morte. Este ano é considerado pela literatura e pelos documentos paroquiais² como início do processo de catequese dos índios que já viviam na região (ANTUNES, 1973, p.47).

Como a igreja foi construída no alto da serra, num local de difícil acesso, denominado Igreja Velha, local pouco propício à edificação de uma vila, o frei decidiu transferir a igreja e para isso utilizou-se de uma estratégia para convencer os índios. Retirava ou mandava alguém retirar a imagem³ da capelinha de palha e a fazia aparecer numa fenda existente no tronco de uma árvore no local onde atualmente se ergue a igreja Matriz. (TORRES, 1974, p.13). Entre os indígenas, circulam relatos de que seus antepassados enfeitavam a imagem como cocá de penas e colares de contas e isso desagradava o padre e esse teria sido o motivo principal da mudança da imagem.

Emancipação política-administrativa da Palmeira dos Índios

O município de Palmeira dos Índios celebra sua emancipação política em 20 de agosto. No calendário, essa data marca a libertação da dependência política e administrativa de Anadia; na prática, não se pode deixar que o ufanismo do jubileu silencie alguns questionamentos que são imperativos para o entendimento do real sentido da emancipação. A construção dessa independência foi forjada nas disputas pelo poder político e no desejo de posse das melhores terras que circundam a cidade. Assim, a liberdade se fez sobre o direito de muitos dos habitantes do lugar, notadamente daqueles que habitavam o território desde muito antes da chegada daqueles que são oficialmente apresentados como fundadores da pequena vila que se fez cidade.

No entorno da cidade, habitam índios aldeados na Fazenda Canto, Mata da Cafurna, Serra da Capela, Cafurna de Baixo, Serra do Amaro, Coité, Riacho Fundo, Boqueirão, Fazenda Jarra e Vista Alegre, além de muitos desaldeados, residentes nos mais diversos bairros da cidade. Encontram-se divididos em dez (10) aldeias, porém nem todas estão reconhecidas pelo governo, pelos seus pares, pelos órgãos de tutela ou pela sociedade envolvente. É necessário salientar que a maioria das aldeias fica ao norte da cidade e suas terras ocupam as serras em volta da área urbana. Essa localização deve-se, segundo os índios

² Informações deixadas no livro de atas da paróquia pelo vigário José de Maia Mello, cujo vicariato ocorreu de 1847 a 1899.

³ Segundo depoimentos de anciãos da Aldeia Mata da Cafurna o frei decidiu transferir a imagem porque não conseguia evitar que os índios a enfeitassem com penas.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

mais velhos, à possibilidade de visualização do vale, o que lhes permitia, no passado, identificar qualquer ameaça de invasão às suas terras.

De Kariri-Wakonã a Xukuru-Kariri

Os indígenas são pertencentes à etnia Xukuru-Kariri e um grupo se autodenomina de Xucuru-Palmeira, mas se dizem pertencentes ao mesmo grupo dos primeiros, porém não são reconhecidos por eles. Na cidade, são conhecidos como Xukuru, contudo, os atuais índios principalmente os mais velhos afirmam que ouviram seus avós dizerem que “eles não são Xukuru, mas sim índios Kariri da tribo Wakonã”. O termo Xucuru é um apelido, afirmam.

Segundo alguns estudiosos alagoanos, entre eles Antunes (1965, 1973), Torres (1973, 1974), Barros (1969) e Almeida (1999), os Xukuru palmeirenses são oriundos da Serra do Ororubá em Cimbres, atual município de Pesqueira em Pernambuco. Contam os atuais indígenas palmeirenses que uma família Xukuru de Cimbres saiu das suas terras devido a uma grande seca que assolava seus territórios e solicitou abrigo aos Kariri de Palmeira, recebendo autorização para se fixarem na entrada da Serra da Cafurna, onde se estabeleceram e, muitas vezes, passaram a hospedar os Kariri quando esses desciam da Serra em direção à cidade.

A presença desses povos foi se tornando frequente na cidade, cuja população passou a chamar todos os índios que habitavam Palmeira dos Índios de Xukuru, em lugar de Kariri-Wakonã. Daí tornou-se comum e muito generalizado aos moradores da cidade dizerem: “Palmeira dos Índios, terra de Xucuru”, quando poderiam afirmar que é terra dos Kariri-Wakonã. Depois, a cidade foi recebendo outras denominações como Terra de Graciliano, Terra da Pinha, Terra do Amor, Terra da Cultura... E o índio foi sendo relegado ao esquecimento, a invisibilidade, ao silenciamento e até ao esquecimento.

A povoação da Mata da Cafurna, e ocupação do local conhecido como igreja Velha é confirmado em um Laudo antropológico de 1990, que descreve a realização de algumas escavações há 40 cm de profundidade nas quais encontraram vestígios de cachimbos, discos de pedra polida, lascas de sílex e quartzo, cacos cerâmicos de panelas e urnas funerárias. (HOFFNAGEL, LIMA; MARTINS, 1990, p.11). Por ser palco de inúmeros achados arqueológicos, costuma-se dizer que a cidade foi construída sobre um cemitério indígena. Várias igaçabas foram encontradas durante construções de prédios públicos na sede da cidade, ainda na primeira metade do século XX.

A presença indígena em Palmeira dos Índios

No Arquivo Paroquial da Diocese de Palmeira dos Índios encontra-se a referência mais antiga aos índios de Palmeira. O documento, com o título História da Palmeira, de autoria do vigário José de Maia Mello, faz referência a uma índia Xukuru, de nome Izabel Maria da Conceição, nascida em 1762. Segundo o Vigário, “os índios Xukuru, teriam migrado da aldeia de Cimbres de Pernambuco em 1740, em função da grande seca ocorrida em todo o Nordeste. A migração de Cimbres para Palmeira dos Índios é também referenciada em Hohenthal (1960) que fala da convivência dos Wakonã com os Xukuru como casamento interétnico comum à época.

Já Antunes acrescenta que “os índios Xukuru teriam se aldeado à margem do ribeiro Cafurna, entre as terras da fazenda Olhos d’Água do Accioly (atual município de Igaci) e a serra da Palmeira” (ANTUNES, 1973, p. 45). Os índios Kariri, segundo o arquivo, são da etnia conhecida como Wakonã, da aldeia de Colégio (atual Porto Real do Colégio, às margens do rio São Francisco, na divisa de Alagoas com Sergipe), que teriam se aldeado na Serra do Cariri onde construíram uma pequena igreja, de palha de palmeira, no atual sítio chamado "Igreja Velha" (ROCHA, 1978, p.11).

A busca por referência sobre a origem desses indígenas nos levou a outros autores que descrevem a ocupação nativa das serras de Palmeira e não divergem nos relatos sobre a migração de Cimbres - PE e Colégio - AL. Aires de Casal fala dos Wakonã e os identifica em Porto Real do Colégio como uma etnia distinta que se originou do distrito de Lagoa Comprida em Penedo – AL (CASAL, 1947, p.182, tomo II), Saint-Adolphe (geógrafo francês) registrou, em 1845, que os jesuítas assentaram os Aconan na aldeia de Colégio. Diz que estes pertenciam à nação Kariri. (SAINT-ADOLPHE, 1845). Ainda do século XIX, 1862, existe o relatório do bacharel Manoel Lourenço da Silveira que descreve a existência de “193 índios em Porto Real do Colégio reconhecidos como Coropotó, Cariri e Acunan”. (SILVEIRA, 1862 *apud* ANTUNES 1973, p.20)

Pesquisadores mais recentes como Abelardo Duarte – 1938 e Carlos Estevão – 1935 falam dos índios Waconã em Porto Real do Colégio (DUARTE, 1947, p.36) e (OLIVEIRA, 1941, p.172) e outros escritos vão apresentar argumentos para ligar esses povos aos atuais Xukuru-Kariri. Merece ainda destacar a visita ao Nordeste, do zoólogo José Cândido de Melo Carvalho, em 1961, para estudar 18 urnas funerárias encontradas durante a construção de uma estrada, à margem do rio Itiúba. No seu relatório cita que ao chegar a Palmeira dos Índios

encontrou aproximadamente 500 a 1000 índios que se autodenominavam Wakoná. (CARVALHO, 1969, p. 70).

Outro fato importante se dá em 1964 quando o Serviço de Proteção ao Índio reconhece, através do seu diretor José da Gama Malcher, os índios de Palmeira como Wakoná (MALCHER, 1964, p.261) afirmando o que Curt Nimuendaju já havia colocado em seu mapa elaborado em 1944 que reconhecia os índios de Penedo como Wakóna. (NIMUENDAJU, 1987, p.62). Tais dados tem o intuito de apresentar elementos para justificar a afirmação do porque os índios de Palmeira foram chamados de Wakonã-Xukuru, mas também servem para comprovar a presença indígena nesse lugar, desde tempos bem remotos.

Segundo W. D. Hohenthal (1960) “os índios palmeirenses são Kariri oriundos dos cariri da Bahia (as tribos do Médio e Baixo Rio São Francisco)”. Saíram das suas terras fugindo da escravidão que se impunha à medida que a pecuária começava a ser implantada às margens do grande Opara (Rio São Francisco). Acrescenta ainda que “Em fuga, chegaram a Palmeira dos Índios por volta de 1740 quando estas terras ainda faziam parte da Sesmaria de Burgos”. Essa chegada os coloca na condição de habitantes primeiros do lugar.

A quem pertence Palmeira dos Índios?

Dessa forma, os índios de Palmeira conviveram com frei Domingos de São José até quando o rei de Portugal mandou demarcar as terras dos índios fundando as sesmarias indígenas dentro das sesmarias dos brancos, determinando que onde houvesse 100 famílias indígenas fosse fundada uma sesmaria o que assegurou o direito de possuírem duas léguas de terra (TORRES, 1973, p. 62-71). Porém, com a República, o governo considerou extintas todas as aldeias, o que acirrou o conflito territorial que se estende à atualidade e relegou o índio às condições subalternas na história desse lugar, o que nos leva a perguntar Palmeira, de quem?

Os anos seguintes foram marcados por conflitos e disputas pela posse das terras, pela invasão das terras indígenas e pela expulsão dos nativos do vale que atualmente abriga a cidade. Nesse processo, descrito por Dona Salete Santana⁴ “as malocas foram queimadas e muitos índios foram mortos pelos posseiros armados com armas de fogo que deixavam os arcos, flechas, lanças inúteis”.

⁴ Entrevista realizada em 26 de novembro de 2011 na Aldeia Indígena Mata da Cafurna.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Os sobreviventes buscaram refúgio na Serra da Cafurna e na Serra da Capela, passando a conviver com os Wakonãn formando a etnia chamada de Wakonãn-Kariri-Xucuru. Foi nesse contexto de fusão que foram encontrados pelo Frei Domingos de São José. A fusão facilitou o trabalho de catequese dos aldeados que passaram a viver do cultivo da terra, da manipulação das ervas, dos trabalhos da olaria, na fábrica de potes, jarras e igaçabas além de outras atividades como o artesanato e a criação de pequenos animais, enquanto nascia uma nova cidade, uma nova cultura e uma nova civilização (TORRES, 1973, p.68).

O dia 27 de julho do ano de 1773, data em que o Frei Domingos de São José recebeu, em um cartório de Garanhuns – PE, a doação de um terreno para erigir uma capelinha, a Capela dos Índios Wakonãn-Kariri marca o nascimento da cidade e esse ato também registra o início de um processo que retirou o primitivo habitante da condição de dono das terras e o colocou na condição de perseguido, subjugado e explorado. Desde aquela época, tem sido cada vez mais duros os embates e muito difíceis os processos de afirmação étnica e de sobrevivência dos fundadores desse lugar. Assim, no limiar dos festejos alusivos a Emancipação política, faz-se imperativo perguntar onde registamos a participação do índio nesse processo? Além da lenda, da imagem na bandeira e no brasão do município, onde mais está o povo Xucuru-Kariri? Parabéns Palmeira... de quem?

Referências

ALE pode alterar o nome de palmeira dos índios. **In: o Jornal – Maceió**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=10174>. Acesso em 21/12/2011.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. (org.) **Os índios nas fallas e relatórios provinciais das Alagoas**. Maceió: Edufal, 1999.

ANTUNES, Clóvis. **Wakona - Kariri - Xucuru - aspectos sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas**. Maceió: Facepe; UFAL - Imprensa Universitária, 1973.

_____. **Comportamento bio-social de um grupo étnico de Alagoas ‘os Chucurus de Palmeira dos Índios’**. Tese ao Concurso de Catedrático do Magistério do Exército, 1965. (datilografado).

BARROS, Ivan. **Palmeira dos Índios: terra e gente**. Maceió: Academia Maceioense de Letras, 1969.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

CARVALHO, José Cândido de Melo. **Notas de viagem de um zoólogo à região das caatingas e áreas limítrofes**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará. 1969.

CASAL, Manuel Ayres de. **Corografia Brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947 (II tomos).

DUARTE, Abelardo. Os Primórdios do Povoamento das Alagoas (Penedo e Porto Calvo). **In Revista do Inst. Hist. e Geog. de Alagoas**. Maceió, 1947. Vol. 25.

ESPÍNDOLA, Tomás. Geografia Alagoas. **In Revista do IHGAL** vol. XII 1927.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss; LIMA, Jeannette Maria Dias de; MARTINS, Silvia Aguiar Carneiro. **Lauda Antropológico - Ação de Reintegração de Posse nº 15.626/87**. Maceió: 1ª Vara da Justiça Federal de Alagoas, 1990.

HOHENTAL JUNIOR, W. D. As tribos indígenas do Médio e Baixo São Francisco. **In Revista do Museu Paulista**. São Paulo: Museu Paulista, v.12, n.s., 1960.

JORGE, Adriano Augusto de Araujo. Notícias sobre os povos indígenas que estacionavam no território do actual Estado das Alagoas - costumavam trazer a suas plagas repetidas correrias. **In: Revista do Inst. Histórico e Geográfico de Alagoas - Vol. 3 - N. 1**. Maceió. p. 67/84 [BCM]. 1901.

MALCHER, José M. da Gama. **Índios - Conselho Nacional de Proteção de Proteção aos Índios**. Rio de Janeiro, 1964.

MARTINS, Silvia Aguiar Carneiro. **Os Caminhos da Aldeia... Índios Xucuru-Kariri em Diferentes Contextos Situacionais**. 154 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1994.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna - ouvir memória, contar história: tradição e cultura do povo Xucuru-kariri**. 2 ed. Maceió: Catavento, 2010.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de. O Ossuário da “Gruta-do-Padre”, em Itaparica, e algumas notícias sobre Remanescentes Indígenas do Nordeste. **In: Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 1941 (Vol.XVII, p. 184)

PEIXOTO, José Adelson Lopes. Do Toré ao Ouricuri: religião, tradição e cura entre os índios Xucuru-Kariri. **In: FERREIRA, Gilberto Geraldo; SILVA, Edson Helly; BARBALHO, José Ivamilson Silva (Orgs.). Educação e diversidades: um diálogo necessário na Educação Básica**. Maceió: EDUFAL, 2015.

_____. **Imagens e memórias em confronto: os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

RELATÓRIO Preliminar Circunstanciado de Identificação e Delimitação Terra Indígena Xukuru-Kariri/AL. Disponível em <http://www.bchicomendes.com/cesamep/relatorio.htm>. Acesso em 10/10/2012.

ROCHA, José Maria Tenório. **Os indígenas alagoanos.** Maceió: SENEC/DAC/MEC, 1978.

SANT-ADOLPHE, J.C.R. Milliet de. **Dicionário Geographico, Histórico e Descritivo do Império Brasil.** Paris:J.P. Aillaud Ed., 1845 (2 tomos)

TORRES, Luiz B. **Os Índios Xukuru e Kariri em Palmeira dos Índios.** 4ª Ed. Ampliada e Revisada. Palmeira dos Índios: Ed. do autor, 1974.

_____. Os Índios Xucuru e Kariri em Palmeira dos Índios. **In Revista do Inst. Histórico e Geográfico de Alagoas.** Maceió, 1973. (Vol. 30)

_____. **A terra de Tilixi e Txiliá** – Palmeira dos índios séculos XVIII e XIX. Maceió: IGASA, 1973.